



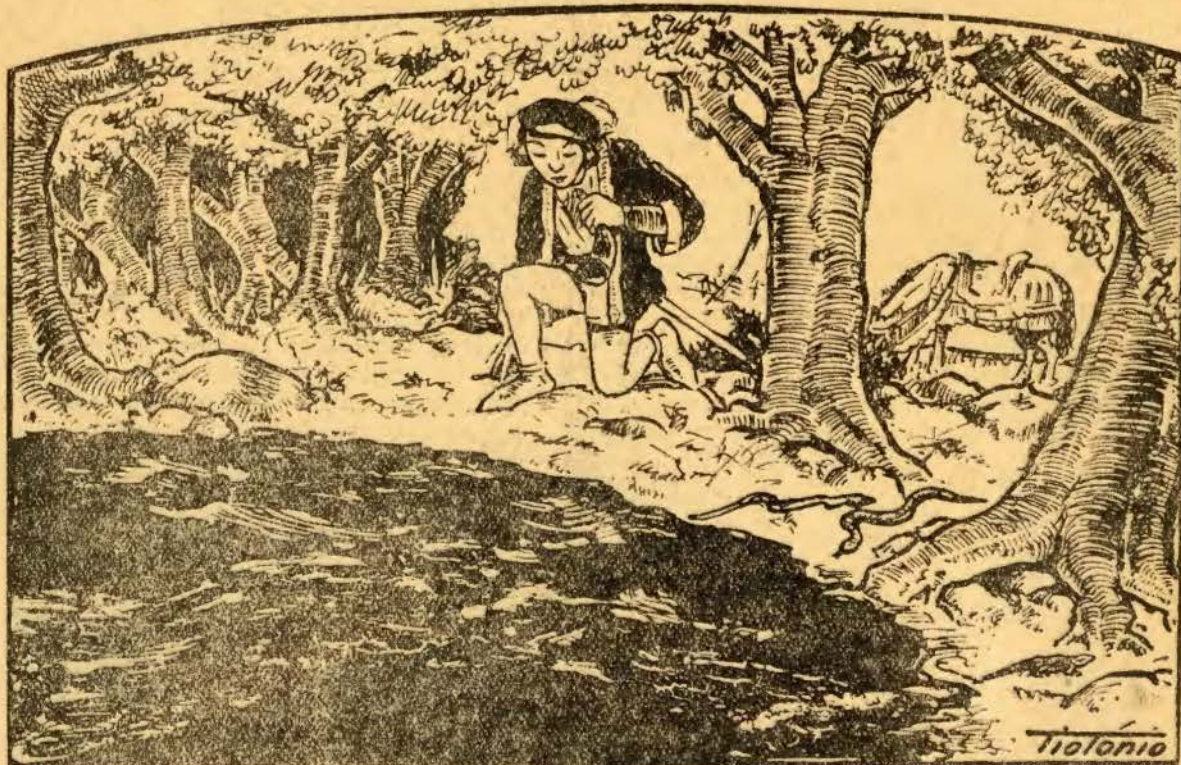
Director literario:

Atchafalps
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Colla
 PAPUSSE


BONDADE RECOMPENSADA

Por MARIA DOLORES CRISTIANO

UM dia, o principe D. Cândido foi fazer uma visita aos seus vastos domínios, mas perdeu-se no meio duma densa floresta; em vão soprava na pequena trompa, na esperança de que algum dos seus fidalgos o viesse procurar. Cansado de andar, sentou-se na relva e entregou-se a um sono reparador, sendo, porém, daí a pouco, acordado por uma velhinha, que meigamente lhe disse: Senhor, se quizerdes dormir mais, ide para a minha cabana, pois lá, apesar do pouco conforto, estais mais abrigado dos animais ferozes. O rei seguiu a velhinha, que, daí a pouco, lhe mostrava uma pequena cabana, dentro da qual, além de varios utensilios velhos, estava um misero leito, se assim se podia chamar a um esfarrapado colchão.

Como D. Cândido estava cansado, ainda dormiu um pouco. Quando acordou, pediu informações à boa velhinha

sobre o caminho, dando-lhas esta de boa vontade. Por fim o rei seguiu o caminho indicado, depois de ter recompensado generosamente a boa velhinha. Aconteceu, anos depois, que o mesmo principe foi visitar novamente os seus domínios e chegou a um ponto onde havia um profundo lago cujas águas negras, tremulando, monótonamente, pareciam dizer: Lago negro e profundo, sou o espelho de todos, sou o espelho do mundo.

D. Cândido seguido de numerosa comitiva, chegou à beira do lago para ver nêle reflectido o seu caracter e o de quantos o acompanhavam. Debruçou-se e viu rostos dolorosos de camponeses arruinados pelos impostos, mães com os olhos vermelhos de chorarem pelos filhos mortos na guerra, e tantos quadros dolorosos causados por êle,

(Continua na página 3)



O PRINCIPE BALTAZAR

Por DIANA MARIA

Desenhos de E. MALTA



REI andava triste e a rainha não fazia senão chorar.

Rodrigo, irmão do rei, tinha dois filhos; um príncipe e uma princesa, alvos e loiros como os anjos, e só o príncipe Baltazar, filho único e herdeiro ao trono, viera ao mundo negro como um tição. Tal qual as fadas

o fadaram, assim êle nascera. Era esbelto e galante

como um págem; tinha dois olhos que brilhavam como dois sois nascentes; uns cabelos finos e ondulados; um coração cheio de amor e de bondade; uma alma mais branca do que o luar... mas era negro, como um tição!

Chegado o príncipe à idade de se casar, o rei mandou mensageiros aos palácios dos reis dos países visinhos, afim de tratarem o casamento de Baltazar com uma das suas filhas. Mas todas as princesas, ao terem conhecimento de que Baltazar era negro como um tição, imediatamente se recusavam à casar com êle.





O príncipe, que não era vaidoso e que nunca amara, pouco lhe importava ser preto e despresado pelas princesas.

O rei, seu pai, é que cada vez andava mais triste e a rainha, sua mãe, até trazia os olhos pisados de tanto chorar.

Ora uma bela manhã em que Baltazar voltava sózinho da caça, viu Lídia, sua prima e filha de Rodrigo, que toda debruçada na margem dum lago ao princípio da floresta, tentava baldadamente colher uns myosotis.

Baltazar aproximou-se, ajoelhou-se junto dela na relva fresca, e estendeu o braço para lhe colher as flôres. Nisto, apareceram, reflectidas na superfície lisa do lago, as duas imagens. E ambos ficaram longamente a ver-se naquelas águas claras...

Assim, pois, começaram os amôres de Lidia e Baltazar.

O rei já não andava triste e a rainha já não chorava. Havia grande alvoroço na côrte. As festas sucediam-se. O príncipe Baltazar ia em breve casar-se com Lídia, a formosíssima filha de Rodrigo.

Na véspera do dia marcado para a cerimónia, ma-

gníficos coches paravam constantemente em frente do palácio onde se apeavam reis e rainhas, príncipes e princesas dos quatro cantos do mundo, que vinham assistir ao faustoso casamento daquele príncipe tão negro.

Logo nessa noite, na sala nobre do palácio, dava-se um grande sarau, com danças, jogos e descantes.

E já a sala se enchia de belas damas e senhores, quando Baltazar, magnificamente, fez a sua entrada. Todos os olhares se voltaram para êle. Foi um espanto! E todas as princezinhas, mesmo as que já estavam noivas doutros príncipes, não puderam deixar de soltar um gritozinho abafado... Era pois aquele o príncipe que elas rejeitaram?! Baltazar que era preto, mas era lindo!

E no dia seguinte, no momento em que o padre enfiava as alianças nos dedos dos noivos, todos aqueles labiozinhos se morderam de inveja...

Os príncipes, despeitados com o procedimento das princesas, e na esperança de assim mais lhes agradarem, de regresso aos seus reinos, pintaram-se de preto.

F I M

BONDADÉ RECOMPENSADA

(Continuação da pagina 1)

que se sentiu atraído, por uma força irresistivel, e caiu ao lago. O povo empregou bastantes esforços para o livrar mas não o conseguiu.

Logo que o rei chegou a uma carta profundidade, foi agarrado por Satanaz que o levou para o reino infernal e lhe disse: Vou submeter-te a várias provas que deverás vencer se quizeres ir para o teu reino; caso contrário, ficarás prisioneiro.

Depois de estar no inferno algum tempo, Satanaz obrigou-o a fazer várias coisas perigosas, mas D. Cândido, com admiravel sangue frio, conseguiu vencer. Por fim, tentou a alma do preso e este dispunha-se já a dar a alma a Satanaz. Mas a imagem da fada, madrinha dêle, afastou-o do mal. O Diabo admirado da coragem do rei, deu-lhe, enfim, a liberdade.

(Conclue no fim da pagina 8)

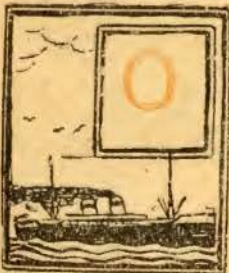


BALALAIKA

POR

ANA PINA

DESENHOS DE E. MALTA

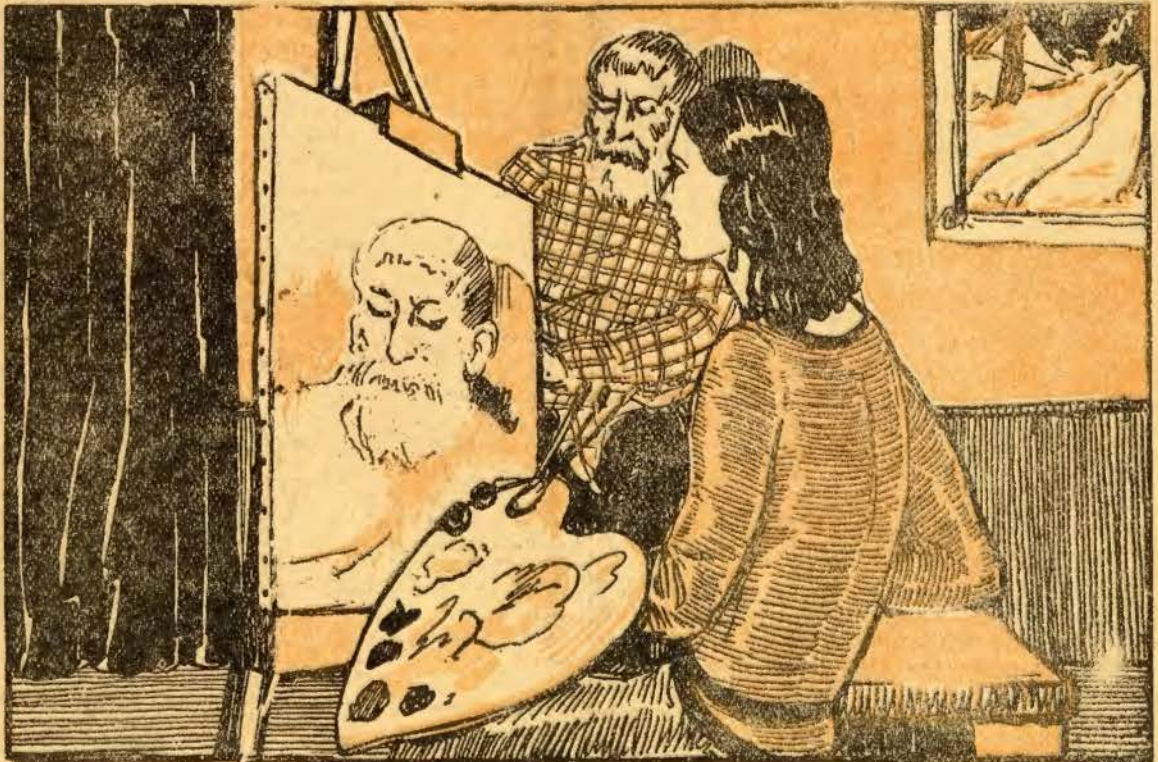


grão-duque Albano adorava sua filha Aisobel. Ela era uma linda menina de dezoito anos, pequenina e frágil. Sob a floresta dos seus negros caracóis brilhavam uns magníficos olhos verdes. Aisobel não gostava de sair. Passava o tempo nos seus aposentos bordando ou pintando. No entanto, o seu passatempo favorito era, quando a sua amiga de infância, a filha da condessa Erna, sua madrinha, passava o dia com ela. Então Corissandra tocava e Aisobel dançava como exímia bailarina que era. A dança era a sua paixão. Fôra num baile, no palácio do Czar, que ela conhecera o príncipe Mário, presen-

temente seu noivo. Vira-o dançar, admiravelmente, com a linda Czarina, e desde êsse dia amava-o. Mário ha muito que a amava. O grão-duque Albano viu com agrado a escolha da filha. Ora Aisobel, por morte do pai devia herdar uma fortuna colossal, e a duquesa Sandra ardia em inveja por vêr que a mão da linda herdeira ia ser concedida ao príncipe Mário. A duquesa Sandra era irmã do grão-duque Albano.

Se Aisobel morresse solteira, toda a fortuna revertia em favor de Aminta, a filha da duquesa.

Sandra foi a casa dum feiticheiro, o qual lhe disse que lhe trouxesse o objecto mais querido da linda Aisobel. A duquesa Sandra foi ao palácio do irmão, e aproveitando um momento de distração de Aisobel, quebrou uma corda à balalaika. Afec-



tando um sorriso, a velhaca pediu à linda pequena que tocasse um pouco. Só então Aisobel deu pela corda partida. A tia ofereceu-se-lhe para a mandar arranjar e, visto a sobrinha a ter em tão grande es-



tima, levava-a já. Agradecida, Aisobel, consentiu. Sandra correu a casa do feiticeiro. Este fez sobre o instrumento umas rezas e «passes» exquisitos e garantiu-lhe que, quem primeiro tocasse na balalaika, morreria instantaneamente.

Muito contente, a preversa foi levar a balalaika à sobrinha, já com a corda, é claro. Nesse dia Corissandra estava com a amiga. Quando a duquesa saiu, Corissandra pegou no instrumento e começou a tocar. Mal a voz pura e cristalina da linda e infeliz menina se elevou, logo Aisobel a viu tombar muito pálida. Estava morta. Sem soltar um grito Aisobel desmaiou. Então, o feiticeiro que estava escondido atrás dum reposteiro, apareceu. Era alto e elegante. Muito novo ainda, o seu rosto seria belo se um bigode de longas guias e uma pera não lhe dessem enormes parências com Satanaz. Note-se que eu nunca vi Satanaz. Quero apenas dizer que o feiticeiro se parecia com aqueles demônios que a fantasia dos pintores nos mostram. Como ia dizendo, o feiticeiro afastou o reposteiro e acercou-se de Aisobel, sobre o rosto da qual fez diversos «passes» magnéticos. Depois retirou-se, levando a balalaika.

Quando a condessa Etna viu a filha morta, não se pôde descrever a dor da pobre mãe; Menor não era a do grão-duque, vendo a filha inanimada e pálida como a morte. O feiticeiro abandonara Moscovo deixando ao aflito pai um bilhete, em que dizia que no dia em que o grão-duque consentisse no casamento dele com Aisobel, esta despertaria. O orgulhoso moscovita enfureceu-se e maior ainda foi a cólera do príncipe Mário. Oito dias se passaram e Aisobel a dormir.

Havia nos arredores da cidade uma feiticeira que só sabia fazer bem e a quem atribuíam verdadeiros milagres, Mário foi a casa dela. Entrou para uma sala, luxuosa e artisticamente mobilada. Sentada

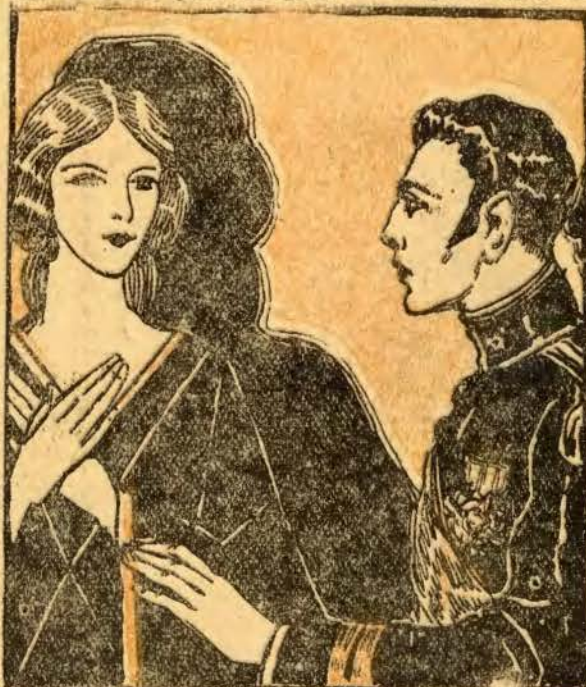
numa otomana, estava Ambrosina, a feiticeira. Era alta, esbelta e a sua farta e anelada cabeleira prateada, ainda mais fazia sobressair a frescura do rosto e o brilho dos enormes olhos, azues escuros. Vestia de preto, com suprema distinção. Mário contou-lhe tudo. Ambrosina pensou um pouco e depois disse:

— E' preciso que Vossa Alteza vá buscar a balalaika que êle levou. Se Vossa Alteza tocar nela junto da filha do grão-duque, ela acordará. O feiticeiro vive, agora, no Castelo de Bronze, a alguma distância da cidade. E' nesse castelo que êle tem a balalaika.

Antes de Mário partir, Ambrosina deu-lhe um anel com uma pérola magnífica, recomendando que quando se visse aflito se lembrasse da pérola. Mário partiu. Dois dias depois, levado pelo seu cavalo favorito, Etna, o príncipe chegava ao Castelo de Bronze. Era noite. Conseguiu penetrar no vestibulo, sem ser visto. Subiu uma escadaria de mármore, atravessou várias salas, onde reinava um luxo nababesco e parou, enfim, ante um reposteiro de veludo verde. Mário espreitou. Viu uma alcova magnífica. Deitado no leito estava o feiticeiro. Dormia profundamente. Sobre uma mesa, ao alcance da mão, a balalaika de Aisobel. Mário entrou. Quando ia a pegar na balalaika o feiticeiro abriu os olhos. Mário estremeceu e lembrou-se da pérola. Com espanto viu o feiticeiro tornar a fechar os olhos, resmungando:

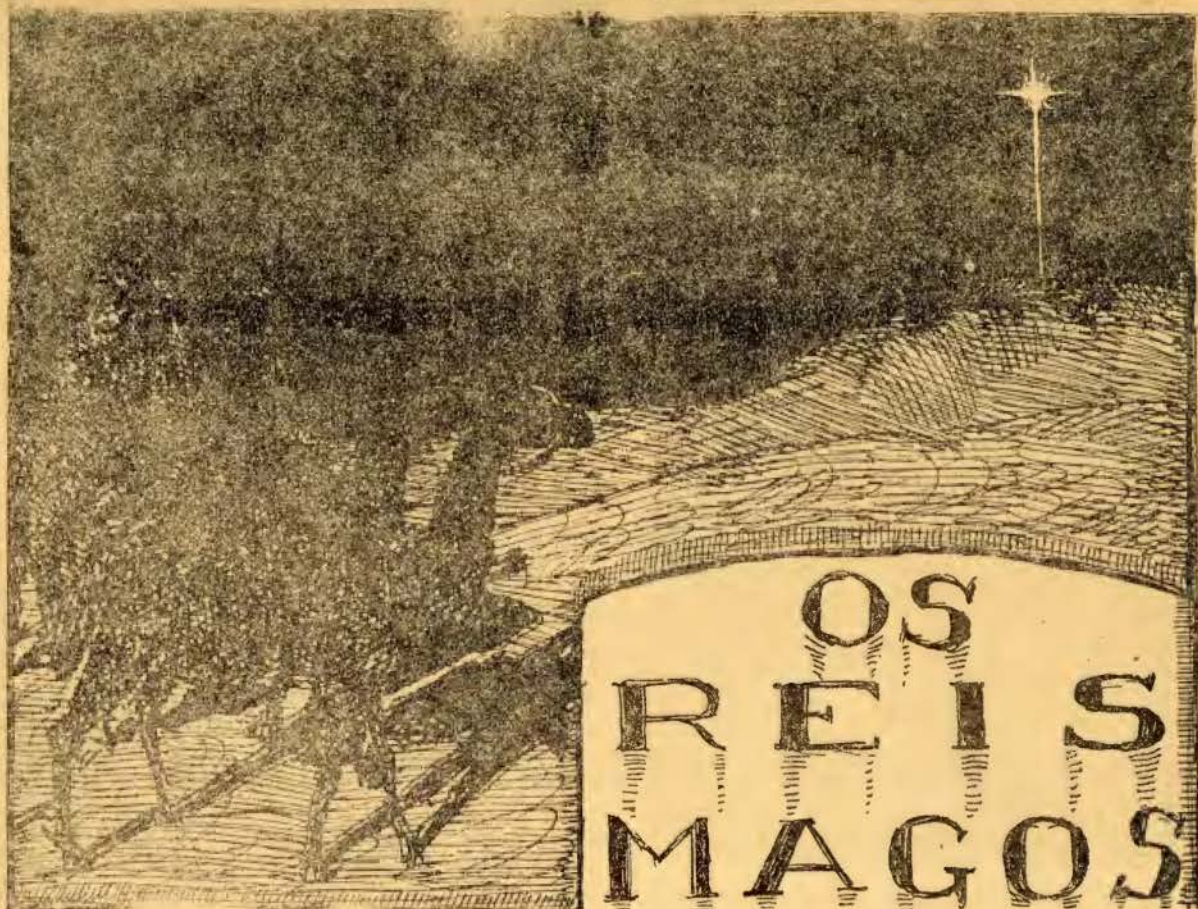
— Estou doido! Até agora me parecia vêr o maldito principelho!

Mário sorriu-se. Compreendera. A pérola de Ambrosina tornara-o invisível. Pegou no instrumento e saiu. Pouco depois abandonava o castelo. A neve caía e o frio quasi lhe gelava o sangue. Mário não



abrandava a marcha louca do cavalo e o valente Etna parecia perceber o dono, porque não corria, voava. Mal chegou ao palácio do grão-duque, Mário galgou as escadas e correu aos aposentos da sua

(Continua na página 8)



Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de EDUARDO MALTA

Em suas be'as montadas,
carregadas
de orendas,
ricas prendas
para o Menino Jesus,
recente iado
dos céus,
filho de Deus
e da Virgem Maria,
que, de linho,
seduz;
seguinte
a estranha luz
que os guia,
— (a estrada por grina) —
de olhos serenos, magos,
caminham os três Reis-magos
por terras da Palestina!

Em grandes flocos, a neve
torna o caminho
de arminho
e a caminhada mais leve!

As níveas cans dos monarcas,
mais alvas que o branco linho
ao ser tirado das arcas,
parecem também de arminho!

Chegam, enfim, a Bethlem,
a terrinha em que nasceu
esse Enviado do Além,
que pode mais que os tetrar-
cas,
e mais que Herodes também;
êsse Menino
que vem.

por um decreto divino,
como Embaixador do Céu,
trazer a Paz para os crentes,
lançar na terra as sementes
do puro Amor e do Bem!

Ei-los chegados... Jesus
na manjedoura, entre palha,

por todo o curral espalha
um clarão de estranha luz!

À esquerda, a mãe do Menino,
sorri de enlevo; à direita,
S. José, atento, espreita
o seu Encanto divino,
que ao doce olhar dum ju-
mento,
ao bafo duma vaquinha
e ao balar duma ovelhinha,
revela contentamento!

E eis já os três reis do Oriente,
Reis dum Reino, um reino só,
submissos, beijando o pó,
cada qual com seu presente,
aos pés d'Aquele que um dia,
um dia eterno, — (segundo
uma estranha profecia) —
virá a ser — REI DO MUNDO!

HORAS DE RECREIO

ADIVINHAS

A D. Graciete Branco e Augusto de Santa-Rita

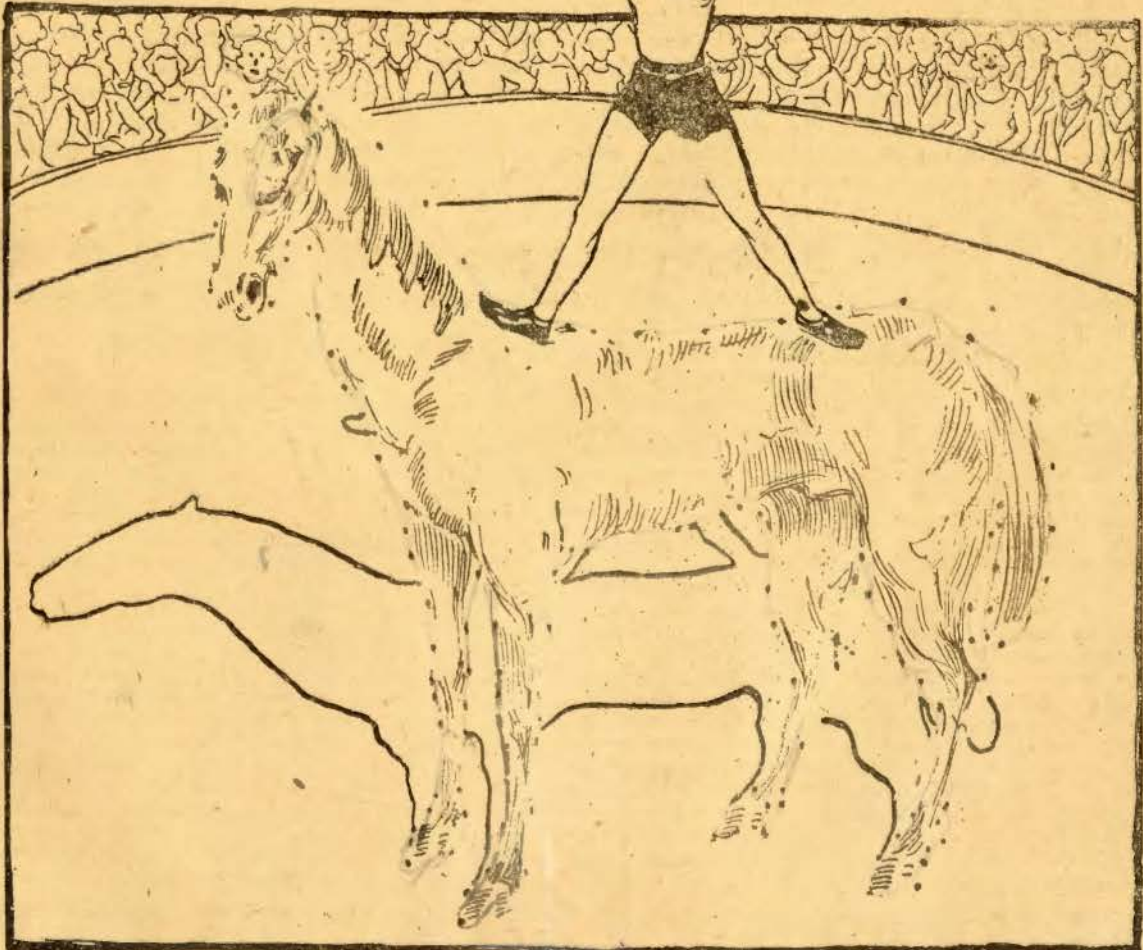
FORMAR 11 NOMES DE FLORES

M.....
 ...i...
 l.....
 V.....
 ...c...
 ...n...
 t.....
 ..u...
 ..f...
 ..a...
 ...s...
Mirabilis

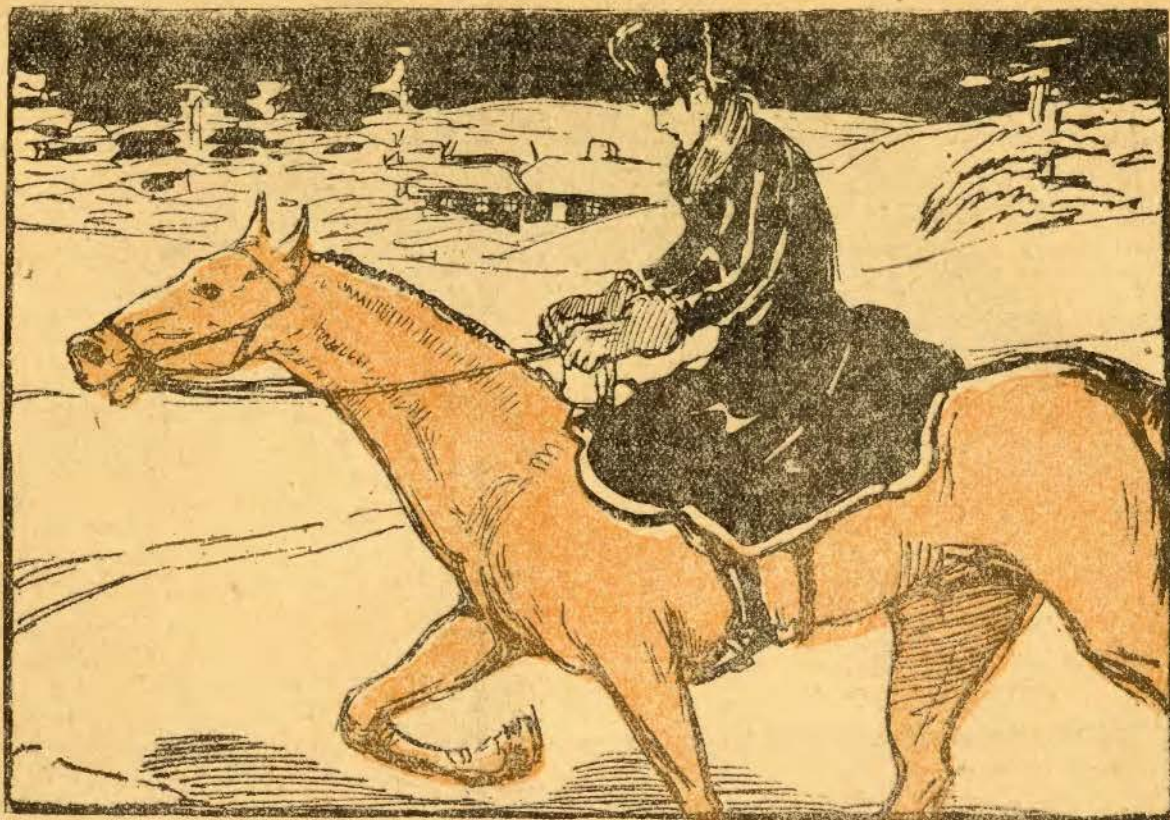
FORMAR 16 NOMES DE HOMEM

J.....
 ...o...
 ...s...
 ..e...
 B.....
 ..c...
 ..n...
 ...i...
 g.....
 ...n...
 ...o...
 P.....
 ..e...
 ...f...
 ...e...
 ...s...

BONECO PARA TRAVEJAR, ACABAR DE DESENHAR E COLORIR



A DIVINHA: — ONDE ESTA O DONO DO CIRCO?



BALALAIKA

amada. Deitada sobre um monte de peles e almofadas jazia Aisobel, tão pálida e linda que mais parecia uma figurita de alabastro. Mário dedilhou as cordas e a sua voz sonora ergueu-se numa terna canção. As pálpebras de Aisobel ergueram-se deixando vêr ao enamorado príncipe as pupilas côr do mar da sua noiva. A alegria foi doida no palácio.

Até a condessa Etna, que desde a morte da filha não mais rira, teve, nesse dia, um claro sorriso. Mário e Aisobel casaram. Teem uma filhinha, a quem puzeram o nome de Corissandra, em memória da linda e desventurada filha da condessa Etna. Sandra e Aminta, cheias de irveja, abandonaram a Rússia. Quanto ao feiticeiro, esse morreu de raiva.

■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■

Bondade recompensada

D. Cândido saiu do reino infernal, tendo nos ouvidos um zumbido que lhe dizia que fôra a velhinha que lhe tinha valido e que, portanto, devia agradecer-lhe. Disponha se a isso mas não sabia onde encontrá-la, pois êle nem sequer sabia o caminho para o seu país. Andou, durante muitos dias, por uma estrada pedregosa; tinha já os pés feridos e o falo em farrapos e, então, recordava-se das comodidades que tinha no seu palácio. Mas lembrou-se, também, que não era só êle que sofria e, resignado, sentou-se numa pedra comendo um duro boçado de pão negro, restos da refeição de algum viajante. Quando se levantou, viu diante d'êle, uma pomba, muito branca, que o olhava meigamente. O rei pegou no gracioso animal e reparou, casualmente, numa anilha que apertava demasiado o pé da pomba, e, condoído, partiu-a. Então a pomba transformou-se na velhinha da cabana, a quem o rei disse: Senhora, queria agradecer-vos todos os beneficios que me prestastes, duma maneira condigna mas, como vedes, não posso. A velhinha, então, disse ao rei: Eu não quero recompensa alguma, porque o que eu fiz foi uma obrigação. Mas D. Cândido teimava em recompensá-la e ela, então, disse: — Pois bem vou contar-vos a minha vida para poderdes compreender-me: Eu sou a

princesa Sofia e o meu caracter não pode vêr ninguém sofrer. Como impedi, várias vezes, certos castigos que a minha inimiga a terrivel fada Negra queria inflingir aos inocentes, ela transformou-me em velha, mas como continuo a fazer bem (fui contra as ordens dela que queria que, há anos, na floresta, morresses de fome) ela transformou-me em pomba e pôs-me aquella horriavel anilha que tanto me magoava. Ora eu só queria que me libertasscis do dominio da minha inimiga.

D. Cândido perguntou à princesa Sofia o que devia fazer e ela disse-lhe que montasse no cavallo azul (que logo ali appareceu) e deu-lhe uma espada toda de ouro, que brilhava muito. O príncipe montou e viu, com espanto, que o cavallo se elevava nas nuvens. Quando atravessava uma nuvem, muito escura, viu a feia fada Negra que, ao avistar a espada de ouro, logo morreu. Nesse instante o cavallo chegou à terra e o príncipe viu, no lugar onde deixara a pomba, uma linda menina que com êle montou no cavallo, attingindo, daí a pouco, o palácio de D. Cândido que casou com a princesa Sofia, cuja alma caridosa mais se expandiu. Viveram muito felizes durante muitos anos e ainda hoje restam alguns membros desta feliz familia.

■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■